



ESTÁGIO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS SOBRE GÊNERO E INCLUSÃO NA ESCOLA

Isabella Nara Costa Alves; Edinilza Maria de Oliveira Silva Morais; Paula Cristina
Ferreira da Silva; Patrícia Santos da Luz

Faculdade dos Guararapes

Isabella.athos@live.com, moraisedinilza@gmail.com, cris-pcfs@hotmail.com,
patriciasantos.luz@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar relatos de 3 estagiárias na disciplina de Estágio Curricular em Educação Infantil, analisando que contribuições foram manifestadas em campo sobre relações de gênero em sala de aula. Em nosso referencial teórico, primeiramente trazemos o conceito de gênero fundamentado no movimento feminista. Posteriormente, discutimos o papel do (a) professor (a) de Educação Infantil no trato com as questões de gênero em sala de aula. A seguir, fundamentamos a importância do estágio curricular na formação de professores e professoras. Por fim, apresentamos o que foi encontrado nos relatos das estagiárias, analisando como as questões de gênero foram compartilhadas dentro da escola. Acreditamos que esse trabalho venha a orientar a postura do professor e da professora de Educação Infantil no trato com as questões de gênero, promovendo debates e solucionando dúvidas, afim de proporcionar uma sala de aula e uma escola mais inclusiva no que diz respeito às questões de gênero.

Palavras-chave: Educação Infantil, Estágio Curricular, Gênero, Inclusão.

01. O conceito de gênero

A categoria de gênero, pensada no contexto nas relações humanas, foi fundamentada pelo movimento feminista, especificamente em sua segunda onda, com pensadoras como Simone di Beauvoir. No livro “O segundo sexo”, com a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.42), a autora contextualizou o que é ser mulher, no que diz respeito aos campos sociais, culturais, jurídicos, psicológicos, entre outros. Conforme Louro (2008) nos ensina,

A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção. Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura (LOURO, 2008, p. 17).

Da década de 40 até os tempos atuais, o conceito de ser mulher transformou-se e pluralizou-se, baseado em interseções como raça, orientação sexual, classe, entre outras. A



categoria gênero acabou por abranger também os homens. Dessa forma, as teorizações e publicações nos alertam que o gênero de cada indivíduo não é constituído pela genitália, mas que a “dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente” (LOURO, 2008, p. 18). Portanto, as relações de gênero se constroem através de relações com a família, com a instituição religiosa, com a mídia, com a escola, entre outros espaços que influenciam e modelam o ser humano.

Conforme Butler (2015) nos ensina, “o gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma relação psíquica e/ou cultural do eu [...]” (p. 52, grifo da autora).

Como seres sociais e culturais, somos ensinados e censurados sobre o que significa ser mulher e ser homem pela sociedade em que estamos inseridos (as), diferenciando estilos, roupas, costumes, jeitos de ser, gostos, elementos profissionais, elementos afetivos, entre outros. Portanto, gênero encaixa-se em uma instância sociocultural, diferenciando-se de sexo, que consiste na anatomia dos seres.

02. O papel do (a) professor (a) da Educação Infantil com as questões de gênero

As questões de gênero no campo da educação se constituem em uma discussão relativamente nova. No que se refere à Educação Infantil, é necessário perceber essa temática entre as crianças, como elas agem, como elas se relacionam, como exercem uma interação com o outro e consigo. Nesse ambiente, as crianças passam a interagir mais tempo com outras crianças. Partindo dessa convivência, que elas evidenciam sua capacidade de convívio nas suas mais distintas maneiras de se relacionar, entretanto a definição de gênero é rotulada nas crianças desde o nascimento processando o feminino e o masculino incumbido de convertê-los em "mocinhas" e "moleques" (FINCO, 2007).

Para que a escola seja um ambiente acolhedor e inclusivo das diversidades, é necessário que os membros que às compõe se conscientizem de suas práticas educativas na visão de uma educação contemporânea, colaborando para o entendimento de que as crianças pequenas tenham vez e voz, que elas dispõem de particularidades, de proceder e refletir sobre o que acontece ao seu redor e muitas vezes são emudecidas dentro do próprio âmbito escolar.

Portanto os (as) educadores (as) precisam se inteirar de conhecimentos que

[...] defendem a necessidade de pensar sobre como práticas e mecanismos sociais estão de alguma forma, presentes na educação de meninos e meninas,



como são escritos em seus corpos, como normalizam, disciplinam, regulam e controlam comportamentos, posturas, verdades e saberes (VIANNA; FINCO,2001, p.3)

Porém quando o (a) educador (a) tem esse propósito voltado para a cidadania, ele (a) se torna capaz de atuar como transformador sociocultural e educativo, contribuindo para o progresso absoluto da personalidade da criança, tornando-as cidadãs de direitos.

As DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) nos mostram que:

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físicos, afetivos, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei nº 9394 96, art. 29 2013, p.83)

Partindo dessa visão, a Educação Infantil é uma etapa da educação extremamente relevante no ofício da construção de base para o desenvolvimento educacional da criança. Embora a infância seja vista de forma incapaz por algumas pessoas, a criança já desenvolve conceitos de si, do outro e de seu meio, podem manifestar posicionamentos no ato de aceitar ou não o (a) outro (a), despertar interesse no seu corpo e curiosidade no corpo do (a) outro (as). Cabe aos educadores (as) nortear essas crianças no que se refere ao gênero e sexualidade na intencionalidade de elucidar suas incertezas, colaborando para que a criança identifique suas carências, vontades e que também reconheçam preceitos de conduta essenciais para relacionar-se coletivamente. Dessa forma,

O âmbito social oferece, portanto, ocasiões únicas para elaborar estratégias de pensamento e de ação, possibilitando a ampliação das hipóteses infantis. Pode-se estabelecer, nesse processo, uma rede de reflexão e construção de conhecimentos na qual tanto parceiros mais experientes quanto os menos experientes tem seu papel na interpretação e ensaios de soluções. A interação permite que se crie uma situação de ajuda na qual as crianças avancem no seu processo de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p.31-32,1v)

A criança precisa evoluir num espaço pertinente, em que nada deva impossibilitar seu progresso. Portanto, o (a) educador (a) tem o dever de conduzir a progressão da criança seguindo e aceitando suas autenticidades e assim elas adotarão inconscientemente discernimento, apresentando maturidade, porém de maneira lúdica e prazerosa, distinguindo os acontecimentos e refletindo sobre a individualidade do outro com base no que diz respeito as disparidades, alavancando para uma cultura de paz. Dessa forma,

Na instituição de Educação Infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas. (BRASIL, 1998, p.30,1V)

Portanto, a escola é um espaço vital para a desconstrução de tabus, preconceitos, diferenças, exclusões ou danos causados às outras pessoas. E a educação infantil, como base da formação dos indivíduos, se constitui em um local indispensável para o debate de gênero entre as crianças, promovendo a quebra de paradigmas e estereótipos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher desde cedo, resultando em uma escola e uma sociedade mais inclusiva.

03. O estágio curricular de educação infantil na formação dos (as) estudantes de Pedagogia

O estágio curricular na Educação Infantil, surge com a intenção de fazer com que o (a) professor (a) em formação se depare com a situação real do cotidiano escolar. A formação do (a) professor (a) precisa ter uma base teórica e a fim de entender o que foi estudado teoricamente precisa-se de uma prática. Essa oportunidade acontece no estágio curricular, onde nesse espaço encontrará indivíduos com diferentes crenças, valores, saberes, vivências, afetividades, entre outros aspectos encontrados. Portanto, o estágio curricular será uma aventura, um mar de descoberta, onde o estagiário (a) poderá se encontrar e encontrar o próximo (OSTTETO, 2012).

No estágio curricular, os (as) estudantes estão inseridos em um contexto educacional, seja na creche ou na escola, onde poderão aproveitar as oportunidades de aprendizagens ao observar o (a) educador (a) que estará regendo a sala de aula, o modo em que ele conduz sua aula, o domínio da turma, a afetividade entre as crianças, as atividades propostas, oportunidade em que o (a) estagiário (a) poderá trazer sugestões e aproveitar aquele espaço que ele está inserido. Portanto, “vivenciando o cotidiano, ele se depara com situações em que precisa fazer escolhas, tomar decisões, em fim se arriscar. Tais vivências [no estágio] são muito importantes para o processo de se fazer educador” (ROSA e LOPES, 2007 *apud* OSTTETO 2013, p. 25).

Os registros diários do (a) estagiário (a) são de suma importância, pois com este material contém espaço para a narração das ações dos alunos e alunas. OSTTETO (2012) nos ensina que “no caso da prática pedagógica, o registro configura-se como o exercício que nos permite observar como agimos, como nos relacionamos, seja com o conhecimento, seja com as crianças, como o trabalho educativo em geral e as demandas do cotidiano de ser professora”.



Ao registrar as experiências, o (a) estudante aprende sobre si e sobre suas práticas. Ao escrever seu texto narrativo, o (a) estagiário (a) constitui uma ação reflexiva, em que irá relembrar suas ações e observações e se apropriar do seu conhecimento sobre a ação docente naquela modalidade. É necessário relatar suas angústias vividas no ambiente do estágio para que assim possa superar suas necessidades vivenciadas na instituição. Dessa forma, “a formação docente se baseia na relação entre pessoas, é permeada pelos afetos, pela simpatia/antipatia que acompanha as relações. Ser profissional da educação significa experimentar sentimentos” (WARSCHAUER, 2001 *apud* OSTTETTO, 2012, p. 190).

Ao final do estágio, o (a) estudante terá de entregar seu relatório final com todas as informações obtidas no seu tempo de estágio, fazendo com que o seu professor (a) que lhe orientou durante esse período saiba como e o que ocorreu nesta experiência. Portanto, “o crescimento só se torna possível para quem tem coragem de olhar e ver, ouvir e escutar, pensar a respeito do que ouve, escuta e faz. [...] torna-se um adulto capaz de aprender e crescer não se constitui em uma tarefa fácil” (FURLANETTO, 2003 *apud* OSTTETTO, 2012, p.23). Portanto, o estágio curricular é uma oportunidade imprescindível na formação dos graduandos e graduandas em pedagogia, uma vez que poderão avaliar e aplicar a teoria aprendidas em sala de aula dentro da escola, mais especificamente na Educação Infantil, tendo contato com os desafios da profissão, repensando e avaliando sua própria prática.

04. Percurso Metodológico e Análise

Para realizar nossa pesquisa, reunimos documentos e anotações de nosso grupo, que relatavam a experiência do estágio curricular em educação infantil em nossa faculdade ainda no ano de 2016. Dentro desses escritos, procuramos passagens que faziam referência à temática em foco, posteriormente analisando o ocorrido, buscando na literatura referências que cabiam nas práticas dos (as) professores (as), nas falas e atitudes das crianças, entre outras possibilidades.

O estágio curricular em Educação Infantil é indicado como disciplina obrigatória pela faculdade, supervisionada por um (a) docente. Está previsto aos alunos e alunas à realização de um total de 80 horas, sendo 40 horas em uma escola pública e 40 horas em uma escola privada, prevendo a interlocução de conhecimento e a multiplicidade de visões dentro do espaço escolar.

Os escritos selecionados foram de 3 estagiárias, que realizaram seu estágio no semestre 2016.1. Na época, todas (100%) pertenciam ao 5º período do curso de Pedagogia.



Vale ressaltar que, apesar do estágio curricular ter como objetivo apenas a observação de sala de aula, as alunas foram orientadas pela professora da disciplina a intervirem se fossem solicitadas pelo (a) professor (a) regente da turma, auxiliando nas atividades da turma.

Organizamos os relatos em blocos que pudéssemos perceber relações semelhantes vividas em sala de aula. Vejamos os relatos do primeiro bloco, que se refere à brincados e brincadeiras:

Uma menina finge pintar as unhas de uma boneca, e um menino chega querendo pintar também. Uma pequena briga começa, e vou auxiliar. Chega outro menino e diz: “Tia, ele não pode brincar de boneca! ”. Eu pergunto: “Porquê? ”. Ele responde: “Porque ele é menino! ”. Eu digo: “Todo brinquedo é de menino e de menina? ”. A professora diz: “Ele pode brincar sim! ”. Ele fica contrariado, mas aceita. Em outro momento, esse segundo menino (o que reclamou) me pede auxílio para dar a mamadeira para a boneca [E1¹, EPU², G4³].

[...] a professora distribuiu massa de modelar para as crianças. Na hora de entregar a massa aos alunos e alunas, eles começaram a dizer: “Tia, eu quero a massa azul” e outros “eu quero a massa rosa”. Então eu perguntei o porquê de os meninos pedirem massa azul e as meninas pedirem massa rosa e eles falaram porque azul é de menino e rosa é de menina [E2, EPU, JDI].

O menino queria o super-herói e a menina também, ele falou que bonecos de super-herói eram de meninos, então a menina pegou o barquinho e novamente, o menino implicou dizendo que o barquinho também era de menino e ainda acrescentou: “Meninas brincam de bonecas e de comidinha”. Esperei a professora se pronunciar quanto à abordagem do menino para com a menina, mas ela não falou nada, então eu falei que não existem coisas de meninos ou de meninas e que ambos podem brincar ou usar a cor que quiserem, porque todos podem tudo [E2, EPU, JDI].

Primeiramente foram distribuídos, propositalmente, vários brinquedos como carrinhos, bonecas, bonecos e vários outros de forma aleatória e foi surgindo os comentários do tipo: “Não quero boneca, é de menina” ou “carrinho é coisa de menino”. As crianças estavam sentadas de forma heterogênea, em que as deixamos à vontade para se resolverem com os brinquedos para observação. Elas foram trocando informações entre si e vendo quem ia ficar com qual brinquedo. Depois de brincarem, fizemos uma roda de conversa onde ouvimos as crianças e também foram feitas algumas perguntas. Primeiro uma delas disse que a mãe não deixa ele brincar de boneca “por que não é brinquedo para menino”. Começamos a conversar com as crianças a partir dessa fala, em que foi explicado que menino também brinca de boneca. Perguntamos a ele se o pai dele cuidava dele (dando banho ou brincando com ele) e disse que sim. Outro questionamento feito foi de que menina não brinca com menino e vice-versa, também através de exemplos práticos. Foi explicado que menina pode brincar com menino. Também foi falado em relação às cores específicas para ambos os gêneros. Uma fala de um dos alunos foi sobre o batom. Como eles (as) observam muito, viram que a maioria das meninas estava de batom rosa e aí ele falou “As meninas estão de batom rosa e eu vou comprar um batom azul que é de homem” [E3, EPR, M].

¹Optamos por identificar a estagiária que fez o relato por siglas (exemplo: Estagiária 1 - E1).

²Identificamos as escolas por EPU (escola pública) e EPR (escola privada).

³Identificamos o grupo/período da turma por siglas (exemplo: Grupo 4 – G4, JI – Jardim I e M - Maternal).



Esses relatos nos apontam que, desde cedo, somos ensinados (as) a diferenciar “coisas de menino” e “coisas de menina”, distinção essa que influencia a escolha de brinquedos e brincadeiras, estabelecendo uma relação direta com o espaço ocupado pela sociedade por homens e mulheres. A boneca e a mamadeira são brinquedos que representam situações sociais de maternidade, comumente associadas às mulheres, assim como o esmalte e o batom. Essas questões nos remetem ao espaço sociocultural estabelecido e esperado para os gêneros, que apresentam grande contraste.

Na história da sociedade ocidental, “o fato de as mulheres, em razão da reprodução, serem tidas como mais próximas da natureza, tem sido apropriado por diferentes culturas como símbolo de sua fragilidade ou de sujeição à ordem natural, que as destinaria sempre à maternidade” (BRASIL, 2009, p. 39). Contudo, podemos perceber, com a intervenção da E1, seguidamente da reação da professora, uma mudança na conduta da criança, uma vez que o menino passa a também brincar com a boneca, representando uma paternidade.

Podemos perceber no relato da E2 e E3 que as cores são fortes marcadores de distinção de gênero. Conforme Mascarenhas e Eugênio (2012) nos ensinam, “a cor rosa para menina é escolhida culturalmente por ser um tom que está ligado a sensibilidade e docilidade. A cor azul para os meninos por ser um tom que representa o ser forte e destemido” (p. 10). Esse contraste foi percebido de mais contundente no relato da E3, em que o menino disse que poderia usar batom, desde que fosse azul, que é “de homem”. Desta forma,

Os modelos de homem e de mulher que as crianças têm à sua volta, na família e na escola, apresentados por pessoas adultas, influenciarão a construção de suas referências de gênero. Quando a menina e o menino entram para a escola, já foram ensinados pela família e por outros grupos da sociedade quais são os “brinquedos de menino” e quais são os “brinquedos de menina”. Embora não seja possível intervir de forma imediata nessas aprendizagens no contexto familiar e na comunidade, a escola necessita ter consciência de que sua atuação não é neutra. Educadores e educadoras precisam identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações (BRASIL, 2009, p. 50).

O segundo bloco de registros se refere às práticas pedagógicas escola/ professor (a).
Vejam os relatos:

A diretora dá às professoras cartolinas e lixas de unha, para fazer a lembrança do Dia da Mulher. A professora contou que irá fazer as mãozinhas dos alunos e alunas na cartolina junto com a lixa. [...]. Ela diz que precisará de ajuda para fazer a lembrança do Dia da Mulher. [...]. A psicopedagoga passa na sala avisando que haverá uma pequena confraternização para o Dia da Mulher, mas as professoras avisam que não irão porque não tem estagiárias para ficar



com as crianças. [...]. Outra professora me dá um pedaço de bolo de laranja do Dia da Mulher [...]. Eu pergunto à professora se ela não achou o presente do Dia da Mulher estereotipado. Ela reconhece que sim, reclama que a Diretora escolheu e que infelizmente a escola não deixava outra opção [E1, EPU, G4].

Um menino deixa cair uma peça do brinquedo, a professora e a estagiária pedem que ele pegue. O menino sorri e professora diz: “Que menino lindo! Vai dá muito trabalho com as meninas correndo atrás dele! [E1, EPU, G4].

Dentro das práticas pedagógicas acima relatadas, podemos analisar que é essencial aos professores e professoras “ao lidarem com crianças, percebam que podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas, contribuindo para estimular traços, gostos e aptidões não restritos aos atributos de um ou outro gênero” (BRASIL, 2009, p. 48).

O Dia do Mulher, citado nos relatos da E1, foi trabalhado de maneira supérflua e estereotipada pela escola. A lixa de unha, presente escolhido pela escola, representa uma associação da mulher à vaidade, sensibilidade e beleza, características que são alvo do marketing que cerceia essa data comemorativa.

Sobre o Dia Internacional da Mulher na escola (8 de março), Zinet (2016) nos ensina que “é consenso que o combate ao machismo pode ter um grande aliado na escola. Principal espaço de socialização de crianças e adolescentes, esse espaço cumpre um papel fundamental, seja reforçando as desigualdades entre os gêneros, seja combatendo-a” (p. 1). Por sua vez, esse dia na escola

[...] precisa ser considerado, antes de tudo, como um momento de reflexão sobre os “papéis sexuais” assumidos socialmente e culturalmente por homens e mulheres, em suas diferenças e desigualdades. Além disso, deve ser um dia de luta contra todo e qualquer tipo de opressão que as mulheres estão submetidas em nossa sociedade, pelo fim da violência doméstica, familiar e social e, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, onde homens e mulheres possam viver em condições iguais, respeitadas as diferenças entre ambos (ANDREOLI, 2007, p.1).

A escola, como espaço privilegiado para tomada de consciência e discussões, deve promover debates acerca da temática das relações de gênero nesse dia, afim de desarticular preconceitos e situações de discriminação, ainda na educação infantil.

Ainda no bloco de práticas pedagógicas, podemos perceber também um estímulo a acerca do que a professora entende sobre relações de masculinidades, cerceada em sua fala, afirmando que a beleza do menino atrairá outras meninas, em uma espécie de disputa. Além de percebermos uma tendência de uma heterossexualidade esperada, a influência de uma masculinidade predatória está presente na fala da professora, representando o menino, mesmo que ainda tão novo, como um “garanhão”. Esse padrão de masculinidade viril, bem como de



uma feminilidade com pouca experimentação sexual, são amostras de padrões de gênero presentes em nossa sociedade. Conseqüentemente, “esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados” (BRASIL, 2009, p. 52). Portanto, é correto afirmar que a professora apresentou um perpetuamento de padrões sedimentados sobre masculinidade dentro de sua turma de Educação Infantil.

05. Considerações Finais

Dentro do curso de pedagogia na graduação é possibilitada os referenciais teóricos, constituindo um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidade essenciais ao exercício profissional. O estágio curricular é uma oportunidade para o contato com a prática, em que os (as) estudantes de Pedagogia, depois de uma base teórica, comparam com a realidade.

O trabalho nos conduz para a discussão de gênero na Educação Infantil, através de relatos de fundamental importância, onde nos proporciona intervir, questionar e refletir em relação à sociedade, família e auxilia o (a) professor (a) em formação em como trabalhar a temática em sala de aula.

Em nossa sociedade, ainda percebemos distinções quanto ao que aos indivíduos pensam sobre ser homem e ser mulher, dividindo cores, formas e gostos por gênero, valores esses sedimentados em estereótipos sexistas. Já em sala de aula, podemos perceber nos relatos supracitados que essa distinção de gênero é bastante forte desde cedo. O (a) professor (a) da Educação Infantil tem um papel fundamental na desconstrução de tabus e preconceitos, refletindo-os de forma individual e coletiva, respeitando as diferenças. Portanto, é correto afirmar que o trato com relações de gênero em sala de aula é uma questão de inclusão, promovendo uma cultura de paz e uma equidade entre os indivíduos.

06. Referências

ANDREOLI, Líria Ângela. **Dia Internacional de luta das Mulheres: educar para a igualdade nas diferenças.** 2007. Revista Espaço Acadêmico, nº 70. Março/2007 – Mensal – Ano VI. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/070/70esp_andrioli.htm. Acesso em: 16 de setembro de 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.



BRASIL. Ministério da Educação. Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília: 1998. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL DEPARTAMENTO DE POLÍTICA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FINCO, Daniela. **A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil.** In: FARIA, Ana Lúcia G. de. O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010. Disponível em: 16 de setembro de 2016.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes Louro. **Gênero e Sexualidade:** Pedagogias Contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008

MASCARENHAS, E. R.; EUGENIO, B. G. **Os estereótipos de gênero legitimados na educação infantil.** 2012. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/43CO.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. O Estágio Curricular no Processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Cognição, comportamento e habilidades entre meninos e meninas:** Será que o sexo biológico faz mesmo diferença? Revista Corpo e Mente, 2001.